

Brasil, Portugal, África

Rubem Braga

RESPONDENDO a uma pergunta durante uma entrevista coletiva disse o ministro Vasco Leitão da Cunha que era favorável à criação de uma comunidade afro-luso-brasileira. Fez questão, entretanto, de frisar que se tratava apenas de conjeturas, pois não havia, a respeito de propostas concretas a considerar.

Melhor faria o ministro se nada tivesse dito. A comunidade afro-luso-brasileira é o que se chama, em linguagem não diplomática, uma conversa mole; e isso e nunca deixará de ser isso — e o ministro sabe-o tão bem quanto eu. Que mal haverá então — perguntará o leitor — em que o ministro faça uma declaração inócua? E eu lhe direi que essa declaração é, em si mesmo, nociva; que ela produz efeitos por si mesma, embora se refira a um projeto que não se tenciona levar adiante. As agências telegráficas divulgam essa declaração lá fora; e os embaixadores dos vários governos acreditados aqui não podem deixar de referir-la em sua correspondência. Aparecemos, assim, cada vez mais, aos olhos do mundo, como jungidos ao governo português em sua política referente aos territórios africanos.

Não convém esquecer que a entrevista vem depois daquela outra, do chanceler português Franco Nogueira, em que este diz como entende a tal Comunidade, formulando votos para que se faça "um tratado de defesa mútua, também no campo militar", isso "na defesa de um patrimônio comum". Em resumo: nosso Governo, se não aceita expressamente, também não repele a idéia de o Brasil se obrigar amanhã a mandar tropas para combater as forças de libertação dos territórios africanos. A usar as forças armadas brasileiras na defesa do colonialismo português: a matar negros para que Portugal possa continuar a ser um Império, e não faça o que os ingleses, franceses, belgas, italianos e holandeses tiveram de fazer, isto é, libertar suas colônias. Que mais, além disso, pode ser essa "defesa mútua no campo militar"?

Bem sabemos que para Portugal é muito mais difícil que para a Inglaterra ou a França dar liberdade política a suas colônias. E' que esses países conseguiram, na maioria dos casos, manter nesses territórios politicamente libertados, sua influência econômica e cultural. Perderam o domínio ostensivo, mas também se livraram de responsabilidades históricas. As antigas colônias continuam, quase sempre, ligadas às antigas metrópoles, a comprar seus produtos industriais e a lhes vender suas matérias-primas, a depender delas para solver seus problemas de educação, saúde pública e até mesmo funcionamento da máquina estatal. Portugal, entretanto, é hoje como aqueles antigos donos de escravo que alugavam o trabalho destes. Sem capacidade econômica nem técnica para promover o desenvolvimento de suas "provincias ultramarinas", pois é próprio é um país subdesenvolvido de economia estagnada em um nível medíocre, o que Portugal faz quase sempre é se beneficiar com as concessões que dá, nesses territórios, às potências capitalistas. A terra africana e o trabalho do negro são explorados mais indireta que diretamente pela metrópole; mantendo o domínio político, Portugal arrenda em grande parte a economia de suas "provincias". Que autoridade terá quando perder o domínio político? E a que preço terá de pagar o algodão dos negros e a que preço lhe venderá seus tecidos?

Não queremos negar alguns aspectos positivos da colonização portuguesa. A causa do colonialismo está perdida; sua derrota pode apenas ser retardada, nada mais. Que papel irá o Brasil fazer nessa triste aventura final do colonialismo? Seremos o mameluco mandado para matar índios, o mulato contratado para prender ou matar negros fugidos?

Acredito que o Brasil poderia ter um papel alto e honesto na libertação das colônias lusitanas; poderíamos servir de mediadores, de negociadores de sua libertação com vantagens imensas tanto para a metrópole como para as «provincias». Angolenses e moçambicanos têm pelo nosso país uma simpatia instintiva, natural. As atitudes mais recentes de nossa diplomacia — como essa declaração reticente do ministro Leitão da Cunha — só contribuem para transformar essa simpatia em decepção e tristeza... E tudo isto, digam-me pelo amor de Deus, a tróco de quê?

3. 9. 65